

dolorosos problemas. E a quebra desse compromisso lhes acarreta sérios contratempos.

Entretanto, meus caros irmãos, se temos lutas acerbas a enfrentar, deparamo-nos também com entretenimentos, horas de lazer, de verdadeiro reconforto espiritual. Temos nossas palestras com os amigos daí e daqui, o que muito nos encanta e nos alegra.

Contou-me, há dias passados, um amigo vindo da Terra bem antes de mim, um fato que, com a sua permissão, vos relato agora, apenas para lembrete daqueles que se dizem espíritas.

Frequentava o nosso irmão um lar amigo, onde era recebido sempre com as mais exuberantes provas de carinho e confiança. A certa altura, porém, premido por influências menos sãs, intoxicado por excesso de amor próprio, que, tardiamente, reconheceu, melindrou-se, pôs em dúvida aquela amizade tão santa, emitiu conceito desabonador ao chefe daquele lar e afastou-se, ressentido. Reclamações, desculpas, mas com um pouco de tolerância e boa vontade tudo em breve foi esquecido, porém menos para ele que, ao desencarnar algum tempo depois, reconheceu o seu erro e sentiu-se ligado ao peso do remorso. Sem forças para se libertar, e sem meios para poder fazer compreender o seu arrependimento, permaneceu em luta até que, por mercê de Deus, lhe foi dada uma oportunidade de se penitenciar, desatando, assim, a algema que ele mesmo forjara com excesso de personalismo. O meu amigo sorriu tristemente e acrescentou: "Bem vê, Cícero, que esse fato parece banal para muita gente, porém, menos para mim, que duas vezes na semana dirigia uma sessão espírita, onde eu lia e comentava o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo".

E daí por diante tenho tido o máximo cuidado em não julgar o meu próximo, e compreendi a grandeza daquela afirmativa: "Orai e vigiai para não cairdes em tentação".

Calou-se o meu amigo e eu continuei a meditar sobre a grande responsabilidade que o conhecimento do Evangelho nos traz.

Por hoje, meus amigos, eu me despeço deixando-vos aqui, como sempre, agradecido, o meu coração sincero e fraterno.

Cícero Pereira

87ª reunião | 10 de julho de 1958

Presentes: Arnaldo Rocha, Ênio Santos, Elza Vieira, Geni Pena Xavier, Francisco Teixeira de Carvalho, Geraldo Benício Rocha, Hélio Coscarelli, Eunice Cerqueira, Gil de Lima, Zínia Orsine Pereira e Waldemar Silva

Comunicação recebida pela médium Zínia Orsine Pereira.

Amizade e lição

A minha vida aqui, depois de tão prolongados e profundos padecimentos, eu considero como uma verdadeira bênção divina. Todavia, por causa de minha grande perturbação, nada posso dizer de novo, a não ser a dura experiência que adquiri à custa de muitas lágrimas.

Fui mulher e muito orgulhosa, como quase todo ente humano, vaidosa e convencida, e mais ainda por ter sido favorecida pela beleza física, pela posição social invejável e por meus pais, que toleravam, pacientemente, todos os meus caprichos, por mais desmedidos que fossem.

Tornei-me uma rainha déspota e não me incomodava com os sacrifícios dos meus vassalos. Alegre e feliz, satisfeita em todos os meus menores desejos, vivi 25 anos.

Mas de repente, como tudo acaba na vida, a minha também

modificou-se. Uma horrível enfermidade dominou-me o corpo, como eu sabia dominar àqueles que me amavam tanto.

Vi-me coberta de pústulas e tão deformada que eu mesma não me reconhecia no espelho. Achei que era uma ingratidão, um absurdo, uma verdadeira injustiça, e desesperada, em um acesso de raiva, matei-me.

Quando acordei, estava presa numa cova tão estreita, e o meu corpo tão inchado que forçava a terra a expandir para ceder-lhe um espaço maior. E à proporção que isso se dava, vermes terríveis e famintos enchiam o espaço vazio na ânsia de devorarem o meu corpo, que não terminava nunca.

Louca de medo, gritava, gritava, e a minha voz não era ouvida por ninguém.

Nem sei ao certo quantos anos, ou quantos séculos, vivi esse sofrimento – talvez uma eternidade.

Sentindo a minha resistência se esgotar, lembrei-me de Deus, a quem eu havia desprezado na minha felicidade e, soluçando, pedi-Lhe que me matasse de verdade, pois eu ainda continuava viva e sofrendo muito.

Assim fui trazida aqui e fiquei aliviada daqueles vermes que me devoravam. Vocês me informaram que eu havia matado meu corpo, mas que minha alma estava viva. E eu estou sem rumo agora, não sei o que fazer. Receosa do meu futuro, arrependida, quero ser escrava daqueles de quem eu fui rainha. Eu peço proteção, e que todos me auxiliem para que eu não volte mais para aquela cova tão escura e tão estreita!

Tenham dó de mim, desta infeliz!

Maria Tereza de Barros

88ª reunião | 17 de julho de 1958

Presentes: Arnaldo Rocha, Ênio Santos, Elza Vieira, Francisco Gonçalves, Geni Pena Xavier, Francisco Teixeira de Carvalho, Geraldo Benício Rocha, Edmundo Fontenele, Antônio Inácio de Melo, Áurea Gonçalves, Gil de Lima, Zínia Orsine Pereira, Helio Coscarelli e Waldemar Silva.

Comunicação recebida pela médium Zínia Orsine Pereira.

Ser cristão

Meus amigos, ser cristão é ser bom, humilde, caridoso, abnegado e compreensivo.

É calar-se diante das ofensas, ter paciência com os que erram, força nas provações, resignação nas grandes dores.

É amar aquele que ainda não sabe amar, tolerar com carinho aquele que só sabe detestar, ofender e criticar.

É ver apenas um irmão naquele que erra, que fere, que calunia e que mata.

É deixar de atirar pedras naqueles que permanecem no erro, lembrando-se de que o desequilíbrio e a maldade já foram seus companheiros por anos e anos a fio.

É demonstrar ao Pai o seu reconhecimento pela fé, pelo trabalho construtivo, pela alegria do amor ao próximo.

Eis aí, meus irmãos, a meta para a qual devam convergir to-